

É ILEGAL ENÃO NASCE NA BOUTIQUE.

Referência na arte urbana brasileira e com muitos grafites espalhados por São Paulo, o grafiteiro Rui Amaral continua a fazer do grafite uma forma de ativismo e um jeito de pensar a cidade.

Por Ronaldo Mathias

Prof. Dr. do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo



Rui Amaral é um dos artistas grafiteiros mais antigos de São Paulo, que começou a grafitar por brincadeira já na década de 70. É responsável por um dos maiores grafites da cidade, localizado na Avenida Doutor Arnaldo com a Paulista. Seu personagem mais conhecido é o Bicudo, um ser extraterrestre amarelo, com duas antenas de girafa e uma guitarra nas mãos. Rui Já participou de exposições Pinacoteca do Estado, MAC, MIS, Funarte, MASP e Paço das Artes e fez trabalhos para várias empresas como Vale do Rio Doce, Rede Globo e SESC-SP. Participou e cuidou da curadoria da 1ª Bienal Internacional de Grafitti Fine Art que aconteceu em 2010. Formou um dos grupos que mais agitou o circuito artístico paulista, o Tupinãodá, cujos integrantes foram os primeiros a grafitar à luz do dia. Sofreu perseguições da polícia, chegando a processado e preso várias vezes.

Rui Amaral recebeu a Revista Arte21 em seu ateliê para um bate-papo sobre grafite, arte urbana e pichação (“pixação” para os grafiteiros). Na conversa, artista fala de sua relação de seu trabalho, dos bastidores da criação e explica como o grafiteiro enxerga a cidade. Para Rui, o grafite continua sendo uma intervenção não autorizada e deve ser tratado como uma das linguagens da arte, condição que ele não abre mão.

Ronaldo Mathias: Quando e por que você começou a grafitar?

Rui Amaral: Bom, tem várias maneiras de você fazer grafite. Por um protesto, por arte, por ativismo. Eu comecei por curtição quando ainda era criança. Eu estudei o colegial no Santa Cruz e com um amigo que havia criado o patrulha canábica, por volta de 1974, mais ou menos. Usávamos, naquela época, chapa de pulmão para fazer máscara. Recortávamos com estilete e fazia o stencil. Este meu amigo, Alberto, o pai dele havia retornado dos EUA e trazido um livro que ensinava a usar o stencil. Daí, usávamos para pichar na casa dos amigos mesmo como um brincadeira. Mais tarde, quando entrei na faculdade, com 20 anos, para fazer Artes Plásticas, tive contato com outras pessoas que faziam arte, e isso já era o começo da década de 80. Em 1983, eu entrei na monitoria da Bienal Internacional de São Paulo. Naquela época a chamada arte de rua já estava com grande repercussão fora do Brasil.

Ronaldo Mathias: O que os anos 80 trouxeram para a arte brasileira?

Rui Amaral: Na década de 80 já se falava na Leda Catunda, Jac Lerner, Sergio Romagnolo. As galerias estavam começando a chamar artistas mais novos, o que na época não era muito comum. Só se conseguia expor em alguma galeria se você tivesse mais de 40 anos de idade. Não havia essa cultura de artista jovem expor. A geração 80 é a primeira a ocupar espaço junto com artistas já reconhecidos. Eu, por exemplo, expus na Pinacoteca junto com Nelson Lerner que era meu professor e uma das minhas referências.

Ronaldo Mathias: Na década de 80, houve algum movimento reconhecido do grafite fora do Brasil?

Rui Amaral: Sim, Basquiat, Tony Shafrazi, Keith Herring já estavam desportando e valendo milhões no mundo. No Brasil, nós vivemos reflexo disso. Eu tentei vender

para a Regina Boni, da Galeria São Paulo, uma das mais tradicionais, a maior galeria da cidade e que dominou o mercado. A Regina, por exemplo, bancava o trabalho do Luiz Paulo Baravelli que era um dos únicos artistas do Brasil a possuir um salário. Então, o País viveu um crescimento do mercado de arte e as galerias tinham um time de artistas. A linguagem do grafite era nova ainda no Brasil para fazer parte deste mundo de galerias. Na época ninguém fazia isso na rua. Eram desenhos enormes. Em 1982, eu já pichava muros para o governo e partidos. Quase todos os prefeitos de São Paulo já me chamaram para fazer trabalho a partir da década de 80. Trabalhei para todos, menos para o Maluf, que mandava apagar e prender mesmo.



Ronaldo Mathias: Como você analisa a relação do grafite com o Estado?

Rui Amaral: O que é o grafite, para nós? O grafite pra nós é ilegal. Ele é vandalismo por origem. Ele nasce não autorizado, ele não nasce na boutique. Se o trabalho passa a ser permitido ele passa a ser arte de rua, como um painel, que existe há milênios. Não existe separação entre pichação e grafite. É a mesma coisa. A partir dos anos 80 vem uma nova geração de grafiteiros dos EUA, ligados ao Hip Hop. Lá é a mesma coisa pichar e grafitar. Para nós que fazemos não tem essa diferença, pois, conceitualmente, um picho e grafite é a mesma coisa, na essência é igual.

Ronaldo Mathias: Mas a estética não muda?

Rui Amaral: Se não for assim, podemos chamar de arte de rua, como o trabalho dos Gêmeos e o meu também quando eu trabalho com a permissão. Obviamente, a estética acaba sendo diferente pois você tem mais tempo, estrutura melhor e não é na correria. É muito mais bacana você procurar espaços pela cidade para trabalhar. O espaço

chama você. Eu tenho uma experiência bem interessante com o SESC e o Metrô. Pintamos uma rua inteira e o canteiro de obras da futura estação Adolfo Pinheiro. Éramos um grupo de 40 artistas. Nele, um rapaz pinta um policial correndo atrás de três pessoas, só que o policial tinha a forma de uma coxinha mesmo. Daí foram lá e apagaram. Porém, a Folha de São Paulo registrou tudo e disse que o desenho estava sendo censurado. Então, o Metrô me liga para resolver a questão, pede para o rapaz fazer outro desenho pagando bem mais que antes (Risos). Eu converso com as prefeituras desde o governo Jânio Quadros. Depois Erundina, Paulo Maluf-Pitta, Marta, Serra-Kassab. Nunca houve interferência dos prefeitos. No caso do Maluf não aconteceu nada pois eles apagavam, como disse antes. Os governos chamam os grafiteiros para distensionar mesmo, e isso é interessante porque tem toda uma estrutura.

Ronaldo Mathias: Como acontece seu processo de criação?

Rui Amaral: Eu trabalho o tempo inteiro. Estou assistindo um filme, lendo alguma coisa, andando pela rua, eu fico pensando numa imagem para usar. Eu tenho um caderno onde coloco tudo, registro todo o processo de elaboração da ideia. Parto desse desenho no papel e, algumas vezes, levo isso pra rua. Fico ligado na interação do desenho com o espaço, como arte de rua mesmo, quando o desenho conversa com os elementos da rua.

Ronaldo Mathias: Quais são suas referencias artísticas?

Rui Amaral: Gosto bastante do Christo que é o artista que mais admiro.

Ronaldo Mathias: Você acha que o grafite muda quando é apropriado por galerias e museus?

Rui Amaral: É outra coisa sim. É como você dizer que a Tomie Otake fez um grafite no prédio. É um conceito que temos definir. Agora, veja quando eu pinto um prédio é um grafite se for a Tomie Otake não é, é arte. O grafite é uma das linguagens das artes. E o que determina o trabalho não é o tamanho, mas é o painel, o muro. É importante contextualizar a produção. Ocorreu uma mudança agora na lei que especifica em função da vontade do poder público que quer participar. Mas o grafite por origem é não autorizado. Mas como fica se a prefeitura quer o trabalho? Legalmente, agora está amparado pela lei, que é o chamado grafite legal.

Ronaldo Mathias: E como fica o caráter de protesto do grafite?

Rui Amaral: A fundação Cartier fez um seguro de 1000 euros para cada sulfite pego nos pontos de piche, mas isso não é grafite. É diferente, pois a ação do grafiteiro é se apropriar de um espaço da cidade sem pedido de alguém. Então, quando tá na galeria não é grafite, já que não é protesto, mas o que a galeria quer e aceita como arte. Eu nunca entendi o grafite como movimento social, mas hoje se eu faço uma ação numa comunidade de arte-educação. Eu chamo isso de grafite apesar de ser autorizado. Diferente seria se fosse para pintar na casa de alguém que me paga para me fazer trabalhar.

Ronaldo Mathias: O grafite de hoje é diferente?

Rui Amaral: Hoje o que está acontecendo em São Paulo é o uso da técnica americana *bombing* em todo lugar, como fazem os Gêmeos. É uma moda do momento, ligado ao Hip Hop. É algo que nos EUA existe desde a década de 70, mas no Brasil parece que foi descoberto agora e não foi. Eu gosto muito do graxixó, que é da galera de rua, criado pelos pichadores brasileiros. Nele tem picho, desenho. Trata-se de um movimento mais paulista, não tem em outra cidade. A do Rio de Janeiro, por exemplo, lembra mais os tags americanos, mais rebuscada, menos reta como a daqui.

Ronaldo Mathias: Como um grafiteiro vê a cidade?

Rui Amaral: Eu vejo com um grande suporte. O artista tem um pouco do arquiteto, já que atinge, cria na cidade e também cria outras cidades. Eu me sinto apto a construir uma casa, esteticamente, sim. Não vejo dificuldade, não. Agora o importante era a cidade ter um grande urbanista, paisagista, para pensar a cidade visualmente. Então, você vai andando pela cidade e se depara com uma parede imensa toda preta virada pra rua. Apesar de ser, ter um dono, mas até que ponto você é dono da sua parede? Não pode aquele espaço estar ocupado pela arte?

Ronaldo Mathias: Qual a diferença do seu trabalho para essa nova geração?

Rui Amaral: A minha turma é das artes plásticas como Alex Vallauri, Carlos Matuck, Zaidler, Ciro Cuzzolino, Ozéas Duarte, Ramires, Hudinilson - que são ligados às essas artes. Amoçada que veio a partir da década de 90, como os Gêmeos, começaram a fazer os personagens, e não letra. Hoje em dia, todos já fazem um trabalho mais parecido com o nosso: estética de desenho, arte de rua, que alguns já chamam de pós-grafite.

Ronaldo Mathias: Qual a mensagem do grafite?

Rui Amaral: É muito o ativismo. Ir pra rua, ocupar a cidade, fazer algo para sua comunidade, sua rua. Não adianta ficar parado, trancado na sala vendo TV ou esperando do poder público para fazer algo pra você. O grafite passa isso, uma rebeldia que te dá poder de intervir na cidade com imagens. O grafite permite qualquer um começar pintar. Ele não tem pré-requisito, qualquer um que queira pode fazer, pintar o muro.

